

## Reflexões sobre caminhos de pesquisa social em contextos de violência urbana e de Estado

*Reflexiones sobre caminos de investigación social em contextos de violencia urbana e de Estado*

*Reflections on ways of social research in contexts of urban and state violence*

**Valentina Carranza Wehlmüller<sup>1</sup>**

**Sônia Cristina Vermelho<sup>2</sup>**

**Marina Gabriela Liberatori<sup>3</sup>**

### Resumo

Partindo da impossibilidade de dissociação do *on* e *off line* nas sociedades contemporâneas, este trabalho discute as possibilidades de integração entre metodologias digitais e etnográficas-participantes para a abordagem de contextos/situações de pesquisa perpassados pela violência urbana e de Estado. Para tanto, apresentam-se resultados sobre uma pesquisa feita em 2017 num conjunto de favelas cariocas a partir do monitoramento do Twitter no marco de um projeto de pesquisa de cunho qualitativo-participante sobre jovens, educação e cultura em contextos vulneráveis. Nos resultados, observa-se a pertinência da pesquisa em mídias digitais como complemento à pesquisa empírica qualitativa-participante, tendo em vista sua potencialidade como “preenchimento de vazios” em situações onde o experiencial é impedido. Evidencia-se a efetividade da estratégia na obtenção de dados contextuais, permitindo novos e diferenciados *insights*. Finalmente, considera-se que as pesquisas que transitem por ambas esferas (a digital e a “experiencial”) permitem integrar análises, possibilitando um maior entendimento da realidade social. Neste sentido, sugere-se a potencialidade das teorias críticas que abordam o encontro entre tecnologia, ciência, arte e sociedade para permitir olhares e ferramentas complementares às pesquisas sociais em contextos de violência e vulneração social.

Palavras-Chave: favelas; mídias sociais digitais; pesquisa social; teorias críticas, violência.

### Resumen

Reconociendo la imposibilidad de disociar lo *on* y *off line* en las sociedades contemporâneas, este trabajo discute las posibilidades de integración entre metodologías digitales y etnográficas-participantes para el abordaje de contextos/situaciones atravesadas por la violencia urbana y de Estado. Para ello, se presentan una estrategia de investigación realizada en 2017 en la cual se ensayó monitoreo de redes sociales digitales en el marco de un proyecto de investigación cualitativo-participante sobre jóvenes, educación y cultura un conjunto de favelas cariocas. En los resultados, se observa la pertinencia de la investigación en medios digitales como complemento a la investigación empírica cualitativa-participante teniendo en vista su potencialidad para “estar presente” cuando la vía experiencial es impedida. La estrategia fue efectiva para la obtención de datos contextuales, permitiendo nuevos y diferenciados *insights*. Finalmente se considera que las investigaciones que transite por ambas esferas (la digital y la “experiencial”) permiten integrar análisis a fin de un mayor entendimiento de la realidad social. En este sentido, se sugiere la potencialidad de las teorías críticas que problematizan la junción

<sup>1</sup> Mestre em Educação em Ciências e Saúde, Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Saúde (PPGECS) – UFRJ; Doutoranda no PPGECS - UFRJ. Bolsista CAPES; Rio de Janeiro, RJ, Brasil. [cw.valentina@gmail.com](mailto:cw.valentina@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutora em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora adjunta. PPGECS – UFRJ. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. [cristina.vermelho@gmail.com](mailto:cristina.vermelho@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutora em Antropologia – Universidad Nacional de Córdoba, Arg. IDACOR/CONICET/Universidad Nacional de Córdoba, Arg. Córdoba, Córdoba, Argentina. [marinaliberatori@gmail.com](mailto:marinaliberatori@gmail.com).

entre tecnologia, ciência, arte y sociedad a fin de incorporar miradas y herramientas complementarias a las investigaciones sociales en contextos de violencia y vulneración social.

Palabras claves: favelas; investigación social; medios digitales, teorías críticas, violencia.

### **Abstract**

Based on the impossibility of dissociating “on and off - line world” in contemporary societies, this paper discusses the possibilities of integration between digital and ethnographic-participant methodologies to approach contexts or situations pervaded by urban and state violence. To this end, we present results on a research done in 2017 in a set of Rio de Janeiro’s slums, in which Twitter monitoring was integrate in a qualitative-participant research project about youth, education and culture in vulnerable contexts. As results observed that researches in digital media could work like complements to larger qualitative-participant researches. There for, in situations where the experiential is impeded, digital media research has potential as a way to "filling of voids", being effective in the acquisition of contextual data and allowing new and differentiated insights. Finally, it is considered that the research that transits through both spheres (the digital and the "experiential") allows to integrate analyzes to greater understand the social reality. In this sense, the potentiality of the critical theories that address the encounter between technology, science, art and society is suggested, in order to complementary approaches and tools for social research in contexts of violence and social vulnerability.

Keywords: critical theories; digital social media; slums; social research; violence.

## **1. Introdução**

O presente trabalho se localiza em um projeto de pesquisa/extensão interessado em abordar as mediações socioeducacionais de jovens em situação de vulnerabilidade social, iniciativa que, desde 2015, desenvolve suas atividades em instituições educativas e espaços culturais do Complexo de favelas de Manguinhos, RJ. Sendo a abordagem metodológica a pesquisa participante, as principais ações do grupo realizam-se semanalmente no campo a partir da interação e do compartilhamento de experiências com os colaboradores de pesquisa, a maioria deles moradores ou trabalhadores nas favelas. Neste sentido, trabalhamos com materiais empíricos de caráter qualitativo, fazendo uso de diferentes ferramentas para construí-los (questionários semi-estruturados, entrevistas, observação participante, grupos focais) e outras técnicas também qualitativas de tratamento e análise (análise de conteúdo, de discurso, sócio-histórico, construção de etnografias).

Como é sabido, as metodologias qualitativas-participantes precisam desse contato experiencial in situ, ou seja, de estar, sentir, observar, aprender e refletir com base no tempo (o agora) que, como sujeitos pesquisadores, estamos no espaço (o aqui) onde os fenômenos, sentidos e relações que pretendemos problematizar acontecem. Neste sentido, trabalhamos com pessoas vivendo no “mundo real”, sendo indispensável considerar as ideias de Malinowski (1978) sobre a inseparabilidade teórica e metodológica existente nas diferentes dimensões da vida das pessoas. Ou seja, entre os aspectos econômicos, religiosos, políticos,

psicológicos e históricos que como pesquisadores nos interessa abordar, aqueles “imponderáveis da vida real” que conformam o campo de interação investigativa.

O fato de compartilhar esse “aqui e agora” com as pessoas com as quais trabalhamos no campo carrega diversas situações metodológicas que são necessárias considerar na hora de analisar os dados obtidos durante a pesquisa. As técnicas etnográficas são procedimentos particulares para aproximação das pessoas, uma forma específica de “registrar” e construir “os materiais empíricos”. Porém, a etnografia como tal supõe, além disso, um estilo próprio de escrita. Neste trabalho, focaremos nas implicações metodológicas do fazer etnográfico nas pesquisas qualitativas e as tensões que decorrem quando não é possível a interação direta no aqui e agora do campo abordado. Assim, problematizamos o recurso da pesquisa em Redes Sociais Digitais (RSD) como complemento de aproximação e problematização.

## 2. Pesquisa em mídias digitais

A pesquisa e a produção dos dados sofreram grande impacto com a Internet. Desde os anos 1990, com a entrada da internet comercial no Brasil, existe um esforço de vários setores para ampliar e facilitar o acesso aos conteúdos mais diversos. Esse movimento, que é global, trouxe inúmeras vantagens e facilidades para a pesquisa, mas também trouxe outra ordem de problemas frente ao volume armazenado hoje na rede e aos algoritmos de busca, que nem sempre são eficazes.

Desde os anos 1980, as pesquisas sobre a hipermídia e as teorias interessadas em estudar as implicações socioculturais da Internet foram ganhando complexidade (SCOLARI, 2015). Os estudos sobre cibercultura, ora apocalípticas, ora integradas, viam a potencialidade da Internet na construção de identidades, no compartilhamento de informações e na ação política, até a consolidação de um campo crítico e interdisciplinar com objetos de análise claramente definidos (interações online, discursos digitais, acesso à internet e design de interfaces) (SCOLARI, 2015). Nos estudos nos anos 1990 das comunidades *on-line*, estabelecendo uma abordagem distópica do universo digital, principalmente com a popularidade de plataformas dos mundos virtuais como *Second Life*, que permitiam a criação de personalidades fictícias, encontramos aproximações antropológicas e sociológicas de caráter qualitativo para ampliar a compreensão das interações mediadas.

Com o surgimento da web 2.0, ou *social web*, o desenvolvimento digital se desloca da centralidade dos websites para ferramentas de manipulação de dados pelo próprio usuário para gerar e compartilhar ideias e informações (O'REILLY, 2005). Entramos em um processo

mais complexo, pois não é somente o acesso aos trabalhos acadêmicos nas grandes bases de dados que nos foi facilitado, mas também o universo de produção do dado primário, pois pessoas no uso que fazem dessas ferramentas incluem nos aplicativos de interação dados de todo tipo. Desta maneira, em pouco mais de uma década, ocorreu uma mudança significativa nos processos de interação social, que passaram, em grande medida, a se compor de interações físicas, ocorridas nos espaços físicos, e de interações mediadas pelas mídias sociais. O que diferencia uma da outra é o fato de que nas interações mediadas ocorre o registro do processo. Por exemplo, uma discussão num grupo de jovens, no espaço físico, se dá pelo diálogo, a voz se perde no tempo; nas mídias, existe o registro digital.

Isso traz implicações enormes para a pesquisa empírica, pois abre a possibilidade de coletar dados de ambos os processos interacionais (real e virtual) nas pesquisas qualitativas de cunho etnográfico, como atividade integrante do método. Pensamos em uma primeira aproximação com a questão que nos exige uma reflexão sobre a relação sujeito-papéis sociais, sujeito-tecnologia e tecnologia-papéis sociais. Tendemos a pensar que os sujeitos interagem de maneiras distintas nesses espaços, e que isso tem relação com a dimensão subjetiva que o sujeito estabelece com seus papéis sociais mediado pela tecnologia.

Como indica Scolari (2015, p. 946), a partir do surgimento da digitalização, é possível ter acesso a dados que podem ser reduzidos “(...) a algo que pode ser facilmente fragmentado, manipulado, hipervinculado e distribuído – potencializam-se as formas de comunicação em rede, multimedias, colaborativas e interativas” (tradução livre). Atualmente, os serviços de Internet se orientam a permitir, facilitar e estimular a “interatividade”, a “participação” e “geração de conteúdos” on-line, sendo efeitos correlatos desta mudança tecnológica a ampliação/segmentação de mercados, o crescimento da indústria de dados e a proliferação do ativismo digital. A geração desses novos usuários deixa de ser de consumidores passivos de informação e serviços webs, para serem também produtores (inter)ativos. Jenkins (2008) cunha o termo *prosumer* (neologismo em inglês que une *produtor* e *consumer*) para caracterizar a esse novo tipo de sujeito no “paradigma da rede” (CASTELLS, 1999).

Contudo, parece-nos haver uma contradição em termos de experiência subjetiva entre as interações mediadas pelas mídias sociais digitais e as da vida cotidiana. Nos relacionamentos por meio das mídias sociais digitais, é possível falar em compartilhamento, em coletividade de iguais; nos demais espaços, não é possível, pois na sociedade predomina a competição e o individualismo. A contradição se expressa, portanto, entre a experiência na

sociedade, que é marcada por uma estrutura hierárquica, e aquela vivida nas interações digitais, que é oposta à hierarquia.

O fato é que “(...) as redes sociais digitais (RSD), mesmo com todo o seu teor e viés econômico, criadas num momento em que a sociedade está altamente verticalizada, passaram a proporcionar aos seus usuários experiências de relações sociais horizontalizadas” (suprimido para não identificar autor, 2015, p. 874). Por conta desse contexto, esse é um aspecto que devemos considerar nas pesquisas empíricas.

Existe uma defesa de que as mídias digitais facilitam a geração ou fortalecimento de “redes sociais” a partir da distribuição rápida de conteúdos sobre diferentes assuntos potencialmente efetivos, tanto para estabelecer/fortalecer redes de afinidade, quanto transmitir opiniões, críticas e ideias com pretensões de visibilidade, influência e engajamento público. Acredita-se que mídias sociais digitais influenciam o debate público e a geração de audiências e grupos de interesses, dado pelo fato de desestruturar a centralidade e verticalidade do modelo de *broadcasting* característico dos *mass-media* (imprensa, radiofonia e televisão). Conforme indica Scolari (2016), a Internet pode ser considerada uma mídia de mídias, que em suportes diversos (textos, áudios, imagens, vídeos) fomenta um tipo de comunicação caracterizada pela interatividade imediata, a intertextualidade e a combinação de linguagens.

Atualmente, evidencia-se uma terceira onda da evolução digital da Internet - web 3.0 – a partir do desenvolvimento de aplicação de armazenamento e inteligência de big-data, algoritmos personificados, geolocalização, portabilidade, etc. Nesse novo contexto, conceitos como “pluralidade”, “densidade”, “popularidade”, “controle”, “personificação”, “mercado da informação”, “ativismo digital” caracterizam a complexidade das “redes”, sendo inúmeras e diversas as opções de mídias/espacos/contas/aplicativos para “se conectar” e “participar” nos espaços *on-line*. Como indica Scolari (2016, p.2), no atual paradigma da rede “não há âmbito social que não tenha se modificado pela tecnologia das redes digitais, da economia até a política, passando pela cultura e a educação”.

Assim, assumimos como premissa que, na atual conjuntura digital, é cada vez menos adequado pensar o mundo *on-line* separado do *off-line* (AMARAL, 2014; ROGERS, 2009; SCOLARI, 2015, 2016, MISKOLCI, 2011), especialmente em pesquisas empíricas de cunho

etnográfico. De fato, reconhecidos centros de pesquisa na área sócio-digital<sup>4</sup> mencionam a necessidade de estudar a sociedade e a cultura *com* a Internet, relativizando o caráter “virtual” ou “ciber” das mídias digitais. Tal como afirma Rogers (2009), a especificidade e sofisticação digital da Internet permitiria, para além de seu estudo como objeto tecnológico e comunicacional, sua concepção como fonte de dados e, inclusive, como método de pesquisa para explorar e compreender questões da “vida real”. Como ele afirma:

Coletar e analisar a Internet para a pesquisa social e cultural precisa não somente de um novo olhar sobre o objeto [a Internet], mas também novos métodos para fundamentar as descobertas. O principal propósito em pesquisa na Internet é reivindicar o on-line, não só para o estudo da Internet e seus usuários, senão para o embasamento do estudo da cultura e da sociedade com a Internet (ROGERS, 2009, p.38, tradução livre).

Em termos de números, no Brasil, o uso de aplicativos de mídia sociais digitais, ampliou-se consideravelmente nos últimos anos, atingindo, em 2016, 43,5% da população (CANALTECH, 2016). Segundo o relatório publicado pela comScore, em 2017, o Brasil apresentava uma audiência de redes sociais de 97,7 milhões de usuários, praticamente metade da população, superando em um milhão à soma das audiências de México, Argentina, Chile e Colômbia.

Quanto às ferramentas, o Twitter é uma das principais plataformas utilizadas pelo público juvenil, posicionando-se no Brasil como a terceira mídia social mais visitada, atrás do Facebook e Instagram (COMSCORE, 2017). Segundo a pesquisa realizada pela eMarketer em 2015, do total de contas de usuários de redes sociais no Brasil (78,1 milhões), 29,7% tinha perfil no Twitter (CANALTECH, 2016). No relatório do mapeamento sobre mídia digital no país (MIZUKAMI, REIA, BARON, 2014, p. 63) relatam o *boom* desta mídia na última década:

O uso do Twitter tem crescido abruptamente no Brasil, passando de 3,6 milhões em julho de 2009 para 41,2 milhões em 2012, e, apesar de duas cidades brasileiras (São Paulo e Rio de Janeiro) estarem incluídas no ranking mundial das 20 cidades com maior número de tweets, ainda existe uma lacuna entre o alto número de contas e a relativa baixa taxa de atividade no Brasil.

Entre as diferentes funcionalidades das mídias sociais digitais, o Twitter caracteriza-se por ser uma ferramenta para a criação de microblogs entre os quais se estabelecem circuitos de “seguidores” por meio das publicações e do compartilhamento de microtextos, vídeos, imagens e links, geralmente acompanhados por *hashtags* que sintetizam “topics”,

4 Digital Methods Initiative (DMI)– University of Amsterdam, Holanda; Oxford Internet Institute (OII) - University of Oxford Reino Unido; Departamento de Comunicación – Universidad de Pompeu Fabra, Espanha; Laboratório de Estudos Sobre a Imagem e Cibercultura (LABIC) Universidade Federal de Espírito Santo – Brasil; Red Iberoamericana de Comunicación Digital (Red ICOD).



“tendências” a fim de participar em debates vigentes. Tal como indicam Mizukami, Reia e Baron (2014), o Twitter apresenta um significativo componente social, sendo uma plataforma que permite combinar blog com rede social, justamente, as duas modalidades de *User-Generated Content* (UGC) predominantes no Brasil.

A rapidez na hora de compartilhar mensagens, a síntese dos conteúdos e as facilidades em monitoramento e acesso a sua API<sup>5</sup> são outras das características particulares do Twitter. Estes elementos permitem seu uso com diferentes propósitos: comerciais, publicitários, políticos, jornalísticos, humanitários, etc.; além de ser também, uma das plataformas mais atraentes na hora de desenhar pesquisas, seja para fins comerciais, políticos ou acadêmicos.

Rogers (2013) relata como o Twitter foi se transformando num objeto de estudo, pois foi se “desbanalizando”, a partir das mudanças nas funcionalidades da mídia. A plataforma passou a ser “olhada” como fonte para estudar questões sociais de maior abrangência como megaeventos, desastres naturais e processos eleitorais, mas também, como reconhece o autor, seu uso é ambíguo, pois tem servido tanto para “fomentar revoltas como para espalhar fofocas” (ROGERS, 2013, p. 362, tradução livre). Porém, apesar de algumas limitações (por exemplo, a porcentagem de dados liberados e o acesso a dados antigamente publicados), o Twitter se apresenta como umas das mídias digitais com maiores facilidades para a mineração de dados e o tratamento e organização dos mesmos; portanto, uma potencial ferramenta para a pesquisa sociocultural de baixo orçamento.

## 2. Pesquisa qualitativa: o campo e a construção do material empírico

O trabalho de campo participante-etnográfico nos predispõe a refletir sobre os diferentes papéis e lugares em que os sujeitos pesquisadores vão adquirindo nesse “campo”. Estas posições e laços vão sendo “negociadas” com as pessoas desde o começo da pesquisa para possibilitar que as relações e/ou vínculo sejam estabelecidas, o que é condição para conhecer de forma aprofundada os universos sociais com os quais trabalhamos. Portanto, torna-se parte da própria pesquisa refletir sobre nossas experiências nesse processo.

---

<sup>5</sup> A sigla API (em inglês, Application Programming Interface) refere-se ao conjunto de rotinas e padrões de programação para o acesso a um aplicativo de software ou plataforma baseado na Web. Uma API é criada quando uma empresa de software tem a intenção de que outros criadores de software desenvolvam produtos associados ao seu serviço. [...] Através das APIs, os aplicativos podem se comunicar uns com os outros sem conhecimento ou intervenção dos usuários. Elas funcionam através da comunicação de diversos códigos, definindo comportamentos específicos de determinado objeto em uma interface. A API liga as diversas funções em um site de maneira que possam ser utilizadas em outras aplicações. (Adaptado de CANALTCH, s.d). Desta forma, o acesso as APIs é fundamental para trabalhar com softwares de monitoramento baseados na mineração de dados.

Rosana Guber, antropóloga argentina, propõe que “[...] o conhecimento social não é possível desde a absoluta des-implicação; sustentar a exterioridade do pesquisador seria acreditar que o sentido vem das coisas mesmas e não das situações sociais em que essas ‘coisas’ são ditas, invocadas e colocadas em cena por atores concretos” (GUBER, 2014, p.23, tradução livre). Conforme a autora, se os sentidos provêm das situações sociais de que somos parte, porque “estamos ali”, não podemos almejar produzir conhecimento sem pensar-nos a nós mesmos como parte dessas relações sociais que queremos conhecer. Nesta perspectiva, as técnicas e ferramentas metodológicas que utilizamos, como por exemplo, a “entrevista” ou a “observação participante” não podem ser simplesmente concebidas como coletoras de materiais para construir os dados. Não se trata de um conhecimento externo sobre o mundo, senão de um aprendizado que nos inclui como partes indissociáveis do próprio conhecimento (INGOLD, 2012; GUBER, 2014).

Contudo, nossa experiência de investigação na favela, nos trouxe um desafio que era superar as limitações de acesso ao território. A (des)(in)tegração das favelas com a cidade foi evidenciada inúmeras vezes pelos impedimentos de transitar entre “o morro e o asfalto” por força das “situações de violência”. O muro do medo se levantava e nós ficávamos “de um lado” e os parceiros de pesquisa “do outro”. Nós (mais ou menos preocupados, mais ou menos revoltados) seguíamos nossas vidas, e eles (mais ou menos preocupados, mais ou menos revoltados), reféns do terror e da truculência Estatal, seguiam suas vidas. Em frente a esse contexto, de impossibilidade de acesso ao campo da pesquisa, buscamos alternativas para conseguir acompanhar, de alguma forma, o que acontece do outro lado do muro. O acompanhamento dos processos com esse grupo de jovens e com a comunidade por meio das pesquisas nas mídias digitais foi a alternativa encontrada. Não abandonamos ou reduzimos o uso de técnicas tradicionais participantes, aquelas que dão suporte ao olhar de “perto e de dentro” (MAGNANI, 2002, 2009). O que foi feito, à partir dos impedimentos do acesso, foi continuar o processo de interação e de observação com a mediação das MSD e, em uma atitude de “resistência investigativa”, complementar as observações *in locus* com elementos empíricos retirados dos processos comunicacionais nestas mídias.

### 3. O campo da pesquisa

A pesquisa da qual trazemos essas reflexões acontece desde 2015 em um espaço urbano específico, uma favela carioca, “realidade social” que com suas particularidades tem interpelado as estratégias de pesquisa estabelecidas, levando-nos a incorporar outras fontes e



técnicas para a obtenção e construção dos materiais a serem analisados. A necessidade de desenvolver “rearranjos” metodológicos foi produto das dificuldades para ir e permanecer “no campo”, principalmente em função dos conflitos armados entre “grupos criminosos armados (GCAs) (SILVA, 2012) e das constantes e intempestivas operações policiais e militares no local. A título de ilustração, durante 2017, aproximadamente 30% das visitas planejadas tiveram que ser suspensas, seja pelo risco de vida gerado pelos conflitos e operações, pela falta de transporte até o local, ou pela suspensão de atividades nas instituições escolares e espaços públicos onde desenvolvíamos a pesquisa. Para além da limitação “pragmática”, não conseguir “estar ali” nessas situações limites, também gerava angústia e indignação nos integrantes do grupo de pesquisa. Precisávamos, de alguma forma, acompanhar e registrar o que acontecia naqueles momentos de tensão e conflito, a fim de reunir elementos que nos permitissem ampliar nossa compreensão sobre o impacto da violência (urbana e de Estado) sobre os sujeitos, as instituições e as comunidades de Manguinhos, RJ.

Perguntamo-nos, então: de que maneira podíamos continuar com nosso compromisso de pesquisa quando não podíamos ir para a favela? Quais estratégias poderíamos utilizar quando a violência urbana e do Estado impedissem a ida ao “campo”? De que outros “lugares” ou “espaços” de interação social poderíamos nos aproximar aos sentidos, ações e experiências da própria comunidade nessas situações?

Nossa experiência com o local já havia nos mostrado que o acesso às MSD acontecia regularmente pelos jovens com os quais trabalhávamos. Em função disso, nos questionamos se essas mídias poderiam se constituir como uma alternativa metodológica nessas situações e, em que medida, as informações delas provenientes poderiam contribuir com a pesquisa em andamento.

Como garantir qualidade dos “dados” digitais? Que fundamentos metodológicos permitiriam integrar estes “dados” como parte de uma pesquisa qualitativa-participante? Qual a natureza destes “dados” e que cuidados e limites teríamos que ter nas estratégias de coleta, tratamento e análise, e na escrita dos resultados?

Esses questionamentos de ordem teórica-epistemológica ocorreram em paralelo às questões de pesquisa acerca do objeto de investigação. A realidade nos obrigou a tomar decisões e buscar alternativas, as quais apresentamos e discutimos neste texto. Tomamos as MSD como unidade de análise em uma das situações de uma operação-ocupação policial/militar realizada no mês de agosto de 2017, como medida de “segurança pública” no marco da “guerra contra as drogas” que paralisou as rotinas cotidianas e semeou, de forma

oficial e generalizada, o medo e o risco de morte aos moradores e trabalhadores dessas favelas.

Por meio do monitoramento de mídias digitais, especificamente o Twitter, conseguimos coletar as impressões e manifestações dos moradores dessas favelas e analisar as publicações postadas por diferentes usuários. O monitoramento dessa ferramenta nos indicou que o uso dessa mídia possibilitou visibilizar os acontecimentos reais de repressão e violência e canalizar a indignação popular. Importante também registrar que, o contexto atual é mais complexo, pois enquanto escrevemos este trabalho (fevereiro de 2018), o presidente ilegítimo Michel Temer oficializou por meio de decreto a intervenção militar nas forças de segurança pública do Estado de Rio de Janeiro. Conforme nossa análise – fundada na nossa experiência e nas vozes de habitantes de favelas cariocas - entendemos que esta medida não é mais que uma reafirmação do controle, da criminalização e da possibilidade do genocídio de pessoas pobres e negras, aquelas que além de vulnerabilizadas, são despossuídas e excluídas do sistema hegemônico vigente nas necrópoles globais.

Igualmente importante frisar que este trabalho não pretende ser um receituário de “como pesquisar em situações explícitas de violência de Estado”, senão discutir algumas possibilidades para integrar “dados latentes” produzidos pela população das mídias digitais, em pesquisas participantes com engajamento social – denominadas na sociologia de pesquisa-ação – para que o conhecimento produzido possa contribuir de alguma maneira para esclarecer e denunciar situações de injustiça e desigualdade social de uma perspectiva teórica social e crítica.

Consideramos inicialmente contextualizar em relação ao acesso à Internet nas favelas cariocas. Pesquisas oficiais evidenciam as desigualdades socioeconômicas em matéria de acesso e uso de serviços de telecomunicações. Uma pesquisa desenvolvida pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (2017, p.26) sobre acesso e uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) nos domicílios brasileiros apresentou dados significativos sobre estas diferenças conforme o nível de renda das famílias:

No Brasil, 54% dos domicílios estão conectados à Internet, o que representa 36,7 milhões de residências – um crescimento de três pontos percentuais em relação a 2015. Os padrões de desigualdade revelados pela série histórica da pesquisa persistem: apenas 23% dos domicílios das classes D/E estão conectados à Internet e, nas áreas rurais, essa proporção é de 26%. O acesso à Internet está mais presente em domicílios de áreas urbanas (59%), e nas classes A (98%) e B (91%).

Esses dados oficiais divergem em alguma medida da realidade nas favelas. Uma das principais razões deve-se ao fato de que o acesso aos serviços públicos nas favelas não é

totalmente controlado pelo Estado. Ligações não oficiais de luz, água, telefonia, internet, etc, são bastante comuns e, dependendo da localização da favela – nos morros, por exemplo – sequer há dados precisos sobre o número de moradores, quantidade de habitações e os serviços prestados. Também se torna complexo o levantamento dos dados sobre as favelas em função das distintas formas de compreender e delimitar esses complexos urbanos (QUEIROZ FILHO, 2015).

De qualquer forma, é possível indicar que as populações das favelas cariocas, sendo grupos empobrecidos, privados de infraestrutura e equipamentos telecomunicacionais, têm acesso precarizado à internet, portanto, sua presença nas mídias digitais é diferenciada em relação aos grupos populacionais das demais classes sociais com acesso privilegiado a esses serviços. Portanto, a caracterização da “conectividade” nas favelas apresenta-se mais complexa. O nível de renda explica somente parte do contexto, pois pela maior cobertura telecomunicacional na cidade do Rio de Janeiro, ampliam-se as possibilidades para acessar à internet, tais como a prática do “gatonet”.

Fatores geracionais também influenciam na demanda e no interesse por se “conectar”. Adolescentes e jovens, para além da sua condição de classe, apresentam maior demanda e uso da Internet. Conforme demonstra o trabalho desenvolvido por Neto, Barbosa e Muci (2016), especificamente em Manguinhos, RJ, os jovens utilizam frequentemente os serviços de redes sociais. O relatório Solos Culturais (BARBOSA, DIAS, 2013), também indicou que a maioria dos jovens urbanos moradores das favelas são ativos nas “redes”, predominantemente com uso para ouvir música e acessar as redes sociais; especificamente dos jovens de Manguinhos, 44% responderam que no seu tempo livre acessam à Internet, geralmente, quando têm que permanecer no ambiente doméstico. Devido à falta de equipamentos culturais, de condições para realizar atividades fora dos “muros invisíveis” das favelas, os jovens vivem a maior parte do tempo livre em suas próprias residências, e a utilizam para relacionamentos e sociabilidades, sobretudo através de mídias e redes virtuais, tais como Facebook, blogs, MSN, Twitter. De fato, aproximadamente 70% dos jovens das favelas responderam que o acesso à internet, seja pelo computador ou pelo celular, quase sempre é para utilizar os serviços de redes sociais (BARBOSA, DIAS, 2013).

Resultados preliminares da nossa pesquisa sobre uso de redes sociais em uma escola de Manguinhos, indicou que 94% dos alunos, com idade entre 8 e 18 anos, tem acesso à Internet. Durante estes dois anos de trabalho, observamos diferentes condições e comportamentos “digitais” nos jovens com quem compartilhávamos a experiência de pesquisa (buscam se conectar em qualquer lugar, com qualquer equipamento; a primeira ação é acessar

as contas nas redes sociais; os grupos que atuam são predominantemente de amigos, família e pessoas/grupos com interesses culturais e identitários semelhantes; têm perfil em diversas plataformas, sendo mais ativos no Facebook, Whatsapp, Instagram, Youtube, Snapchat e Twitter; registram o que fazem para “compartilhá-lo nas redes”; conversam sobre conteúdos postados; comentam nas publicações de amigos, etc.). São atividades que todos os sujeitos da contemporaneidade realizam. O que diverge, entre as realidades separadas pelo muro da desigualdade social, é a disponibilidade de recursos para poder estar “on-line” quando é preciso ou desejado. Seja por privações econômicas individuais, por carência de infraestrutura urbana ou por falta de políticas de acesso digital, nas favelas cariocas os impedimentos para exercer o direito à comunicação digitalizada são constantes, embora isto não signifique sua ausência das redes.

Isso também é reconhecido pela comunidade. Como menciona a reportagem “conectividade na quebrada” (ESCOLA DE JORNALISMO ÉNOIS/NEXO JORNAL, 29/11/2017), a participação digital é uma das principais demandas das juventudes das favelas, que frente às adversidades já mencionadas, desenvolvem diferentes arranjos para se “conectar” e conseguir compartilhar suas produções, construir suas redes e visibilizar suas ideias e reclamações. Dividir a Internet entre vizinhos, utilizar os serviços que oferecem diferentes instituições, emprestar celulares e notebooks, optar por serviços pré-pagos de dados móveis, organizar-se comunitariamente para gerar os próprios serviços, são algumas das diversas estratégias desenvolvidas para driblar as privações impostas.

Reconhecendo junto a Miskolci (2011, p.15) que “a novidade tecnológica não funciona autonomamente, pois se insere em uma realidade cultural previamente existente, na qual passa a interferir, mas que também passa a transformá-la”, problematizamos para além do acesso, com mais interesse sobre os usos sociais que os jovens fazem das mídias digitais nos contextos de favela.

Sabemos que essa questão tem gerado várias investigações com perspectivas distintas. Com enfoque da saúde, Antunes e colaboradores (2014) demonstraram como uma estratégia de monitoramento de mídias sociais pode complementar as informações da situação epidemiológica sobre dengue. Em matéria de desastres naturais existe uma ampla bibliografia que sugere a potencialidade das mídias digitais para identificar alertas e impactar na gestão de crises (MELLO, 2012; REIS, MATEDDI, BARRIOS, 2016). Estudos desenvolvidos por o Laboratório sobre Imagem e Cibercultura da Universidade Federal de Espírito Santo (LABIC – UFES) têm produzido artigos e cartografias baseados em métodos digitais sobre diferentes questões político-sociais (condenação do presidente Lula, ocupações estudantis, protestos

sobre a copa do mundo 2014, manifestações de 2013, entre outros)<sup>6</sup>. Especificamente sobre uso de redes sociais em caso de violência urbana, Muzaki, Reia e Varon (2014, p.75) relataram o caso emblemático, em 2010, quando um jovem jornalista de uma mídia comunitária, “A voz da comunidade” utilizou o Twitter para informar à suas redes sobre a invasão militar. O relatório Solos Culturais (BARBOSA, DIAS, 2013, p.121) trouxe o depoimento de um menino de Manguinhos que contou como durante uma operação militar de três dias sem poder sair de casa, o Facebook passou a ser o principal meio de comunicação para “acompanhar tudo”. Em síntese, as mídias digitais, para além dos variados usos (vinculares, de consumo cultural, identidade, informação, participação de debates públicos) em contextos de favela, adquirem outras apropriações atreladas as múltiplas estratégias de resistência que estas comunidades desenvolvem a fim de fazer frente às condições desiguais e violentas que a “realidade” decreta sobre elas.

Por um lado, como afirmam Muzaki, Reia e Varon (2014, p. 89), a Internet vem oferecendo às favelas “uma tecnologia que lhes permite expressar de maneira mais clara suas preocupações e defender melhor seus direitos”, conseguindo visibilizar sua realidade e alçar sua voz sem as mediações da estrutura midiática tradicional e de outras institucionalidades hegemônicas.

Por outro lado, não podemos desconsiderar que a Internet não é uma tecnologia neutra, tampouco fora das disputas econômicas de um mercado ultraglobalizado. Pariser (2012) apresentou dados que colocam em xeque a noção de espaço público democrático, tão atrelado à ideia da internet 2.0 e suas ferramentas. O uso comercial e discricional das grandes empresas que controlam essa tecnologia em relação aos dados disponibilizados gratuitamente nas MSD tem causado grande impacto nos algoritmos, tornando-os “filtros invisíveis” que levam os usuários cada vez mais a se fecharem nas bolhas criadas pelo próprio uso. Com isso, a ideia de que a internet abriu um campo de possibilidades para dar visibilidade a esses espaços apagados e excluídos – como as favelas – deve ser relativizado, pois essa visibilidade pode estar ocorrendo somente dentro do mesmo espaço territorial da qual emerge, ou seja, não tem o mesmo alcance do que as mídias tradicionais.

De qualquer forma, nossas reflexões caminham para considerar que as mediações sociais na atualidade acontecem numa sobreposição do real/concreto/territorial com o ciberespaço/digital/midiático. Isso nos traz uma possibilidade, ou antes, um complicador para as pesquisas qualitativas de observação etnográfica. Observar grupos interagindo sem que se

---

<sup>6</sup> Recomenda-se visitar e ver/ler alguns dos trabalhos publicados pelo LABIC no seu website: <http://www.labic.net/>

saiba o que acontece no plano do digital, pode nos mostrar parte dos processos sociais. São essas questões que passamos a discutir à frente.

#### 4. O “arranjo” metodológico

A estratégia metodológica implementada parte de uma perspectiva qualitativa-participante que reconhece a centralidade das experiências entre pesquisadores e sujeitos sociais para a produção do conhecimento. Como mencionamos na introdução, esta maneira de gerar informações supõe o contato, o diálogo (o “estar junto”) com os parceiros de pesquisa naqueles contextos reais onde desenvolvem suas vidas e das quais o pesquisador participa ativamente.

Não obstante, na desigual, excludente e violenta realidade urbana latino-americana, muitas destas iniciativas, para além de desvalorizadas e negligenciadas pela lógica cientificista ainda predominante nas instituições acadêmicas, sofrem de problemas estritamente pragmáticos, desestimulando o trabalho dos pesquisadores e debilitando os vínculos com os colaboradores. Nas situações explícitas de violência urbana, mais ainda quando o Estado com suas “forças de segurança” e “teatralidade do terror” aparece em cena, os “lugares” socioculturais de cada classe/raça ficam “onde pertencem” e as fronteiras territoriais, se fecham. Ninguém entra, ninguém sai das zonas sitiadas.

Um destes episódios aconteceu no mês de agosto de 2017, quando as favelas de Jacaré, Jacarezinho e Manguinhos foram mais uma vez ocupadas truculentamente pelas forças militares federais no marco da cínica retórica da “guerra contra as drogas”.

Na tentativa de continuar com o compromisso de pesquisa quando o “experencial” é impedido, foi que desenvolvemos o “arranjo” metodológico de monitorar MSD durante esse caso de ocupação militar, a fim de manter certo “contato” com o campo e explorar como essa situação de vulnerabilidade extrema era representada por usuários que mencionavam em seus posts sobre as favelas atingidas.

O método de monitoramento de mídias sociais é uma ferramenta proveniente do marketing comercial e político. Tem como objetivo conhecer comportamentos, tendências e interesses de diferentes “públicos” - em relação a uma marca, produto ou campanha - para produzir e direcionar conteúdos e aumentar as vendas, influenciar nas decisões eleitorais ou posicionar-se no debate público. Com base na sua origem e principais campos de aplicação, é evidente que o monitoramento de mídias digitais tem sido criado com finalidades comerciais



e “de poder” a fim de manipular usuários graças à ajuda de outras ferramentas de controle digital (filtros algorítmicos, *boots*, viralização de *fakes news*, *perfis fakes*, etc.).

Neste sentido, é possível pensar que escolher esta opção metodológica no marco de uma pesquisa que se auto-define participante e comprometida com as lutas populares se apresenta, pelo menos, problemática. Não obstante, consideramos que o caráter político de uma investigação transcende procedimentos técnicos, enquanto estes sejam adotados com transparência e cuidado a fim de não tergiversar os fins ideológicos e sociais do porquê e para quê se pesquisa. Assim, propomos uma utilização do monitoramento de mídias digitais não para controlar e manipular as “redes”, muito menos para identificar usuários potencialmente “censuráveis” ou “cooptáveis”, senão para fazer um uso diferente, para desmonopolizar o acesso os dados, lê-los com outros óculos, de outros ângulos, voltados para as lutas por um mundo mais justo e vivível.

Neste trabalho apresentamos os resultados de uma parte do monitoramento realizado durante o mês de agosto e setembro de 2017<sup>7</sup>, com a coleta e tratamento de dados do Twitter utilizando o software Netlytic.org<sup>8</sup>. Assim, foram coletadas 5486 postagens, publicadas entre os dias 16 e 22 de agosto de 2017 cujo conteúdo textual mencionavam algum dos termos definidos na configuração da busca (Manguinhos, Jacarezinho, Jacaré e suas respectivas *hashtags*), delimitando a localização geográfica das postagens à cidade do Rio de Janeiro, Brasil.

Uma vez coletadas as postagens, realizamos uma classificação conforme categorias previamente definidas. A categorização criada pretendia identificar e hierarquizar, tal como na análise de conteúdo textual, quais eram os principais temas de “interesse público” que os usuários que mencionavam Manguinhos, Jacarezinho ou Jacaré traziam à tona durante a ocupação militar. Assim, foram definidas “categorias mães” e os termos incluídos em cada uma delas. Os temas definidos como categorias foram escolhidos a partir de um critério livre *ad hoc*, conforme reflexões do grupo de pesquisa sobre temas de interesse público e revisão dos cadernos de campo. Neste sentido, a categorização não pretendeu ser nem excludente,

---

<sup>7</sup> Também utilizando o software Netlytic.org e outros procedimentos “manuais” acompanhamos e coletamos conteúdos (publicações e comentários) de páginas públicas de Facebook (de um jornal comunitário, organizações sociais e de outras iniciativas culturais de Manguinhos). Dado o considerável volume de dados estes ainda estão sendo analisados.

<sup>8</sup> Nesta oportunidade, utilizamos os serviços da plataforma na sua versão gratuita que permite coletar até 1000 postagens por busca. Conhecendo esta limitação, a fim de ampliar o corpus de análise, dividimos e configuramos a busca em 4 períodos: a)16-17; b)18; c)19-20; d) 21/22 de agosto de 2017. A ferramenta Netlytic.org além da licença gratuita, oferece outras opções pagas mas acessíveis que permitem aumentar a quantidade de dados coletados.

nem exaustiva. Também não seguiu um referencial teórico-metodológico específico. Na Figura 1 apresenta-se o esquema categorial proposto:



**Figura 1** -Temas e termos na proposta de categorização de publicações coletadas. Monitoramento do Twitter durante uma ocupação militar numa favela carioca (agosto 2017)<sup>9</sup>.

Fonte: Elaboração própria.

Para o tratamento dos dados utilizamos o módulo de *text analysis* oferecido pelo mesmo software. Os dados já categorizados foram descarregados em formato .csv, e finalmente tratados e apresentados em tabelas e gráficos do Excel, e nuvens de palavras<sup>10</sup>.

O *output* da ferramenta também permitiu identificar as postagens mais compartilhadas, os usuários “mais populares”, os tipos de linguagens (texto, imagens, vídeos, multimodal) que receberam mais compartilhamentos, quais estratégias de resistência da comunidade eram visíveis nas mídias digitais e como a flutuação do volume de postagens se comportou conforme a “temperatura” e desenvolvimento da intervenção.

Com o intuito de avançar nas discussões metodológicas propostas neste trabalho, na continuação apresentamos os resultados correspondentes à análise de conteúdo textual realizada sobre as postagens coletadas.

<sup>9</sup> O \*\*\* indica que o termo é categorizado por sua raiz semântica (anterior aos \*\*\*) aceitando diferentes terminações. Ou seja, “educa\*\*\*” inclui na mesma categoriza a: “educação”. “educativo”, “educacional”, “educando”, “educador”, “educadores”, etc.

<sup>10</sup> Especificamente utilizamos a ferramenta de geração de nuvem de palavras <http://www.nubedepalabras.es/> de acesso livre e gratuito.

## 5. Resultados

Primeiramente, achamos relevante apresentar dados que permitem visualizar a evolução temporal do geral das postagens coletadas. Assim, o gráfico 1 apresenta como as menções a Manguinhos/Jacarezinho/Jacaré foram evoluindo ao longo dos dias do monitoramento. Importante lembrar que a operação das “forças de segurança” começou com presença e intervenção policial no dia 17 de agosto, e na madrugada do dia 21, os militares ocuparam Jacarezinho. Segundo observa-se no gráfico, as postagens no Twitter acompanharam esse “aquecimento” da ação repressiva, pois verifica-se uma tendência progressiva de aumento de publicações entre os dias 19 e 21 de agosto.

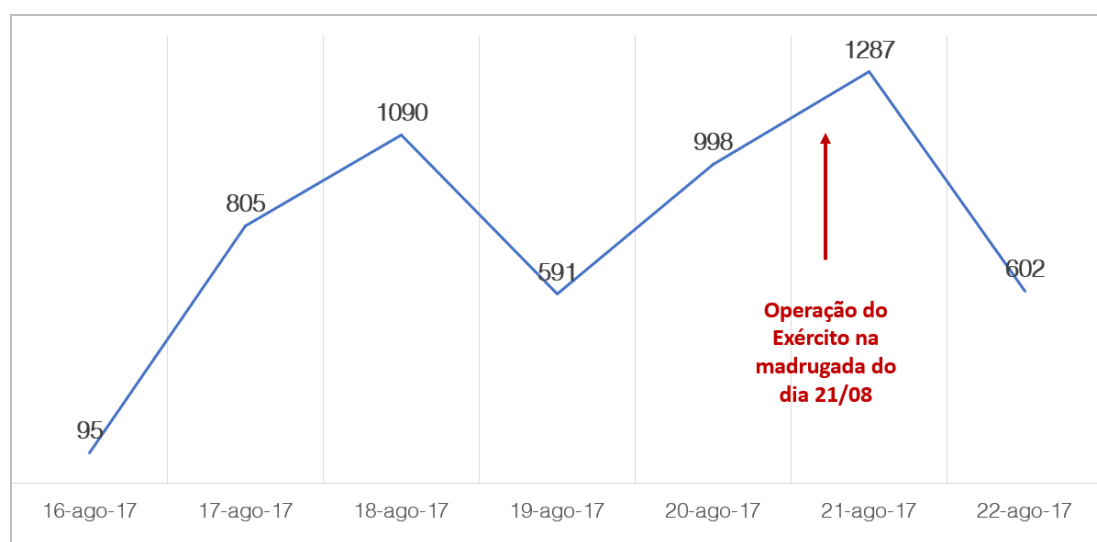


Gráfico 1 - Manguinhos/Jacarezinho/Jacaré. Progressão das menções no Twitter. (16 - 22 agosto 2017). N= 5486.

Fonte: Elaboração própria.

Na Tabela 1 apresentamos a hierarquização e evolução temporal das menções aos termos incluídos nas categorias. Conforme o monitoramento, evidenciamos que “paz” e “educação” foram os principais temas relacionados a Manguinhos/Jacarezinho/Jacaré no período de tempo pesquisado. A primeira superou 1500 menções, e a segunda 1200. Em um patamar menor (entre 1000 e 700 menções) encontram-se “vida” e “enfrentamento” e, entre 250 e 500, “forças de segurança”, “guerra” e “morte”. Já com pouca quantidade de menções (menos de 50) encontramos termos correspondentes às categorias “Estado”, “saúde”, “trabalho”, “racismo”, “direitos” e “genocídio”.

Tabela 1 - Manguinhos/Jacarezinho/Jacaré. Menções no Twitter segundo categorias e data de publicação (16-22 agosto 2017). N=6096.

Categoria	Data				Total
	16-17 ago	18 ago	19-20 ago	21-22 ago	
paz	60	48	737	681	1526
educação	73	28	650	468	1219
vida	34	396	331	195	956
enfrentamento	238	140	226	121	725
forças de segurança	108	57	67	259	491
guerra	107	29	29	253	418
morte	74	50	102	53	279
tráfico	50	33	27	60	170
religião	21	10	12	54	97
sentimentos	16	15	19	20	70
estado	12	1	7	22	42
saúde	4	1	28	2	35
trabalho	7	3	7	11	28
racismo	2	6	7		15
direitos	2	4	3	4	13
genocídio			5	5	10
cultura		1		1	2
				Total	6096

Fonte: Elaboração própria.

Já na figura 2, apresentamos em formato de nuvem de palavras, os termos incluídos na categorização que foram mais mencionados. Com o objetivo de identificar os mais relevantes, incluímos aqueles termos que obtiveram mais de 100 menções.

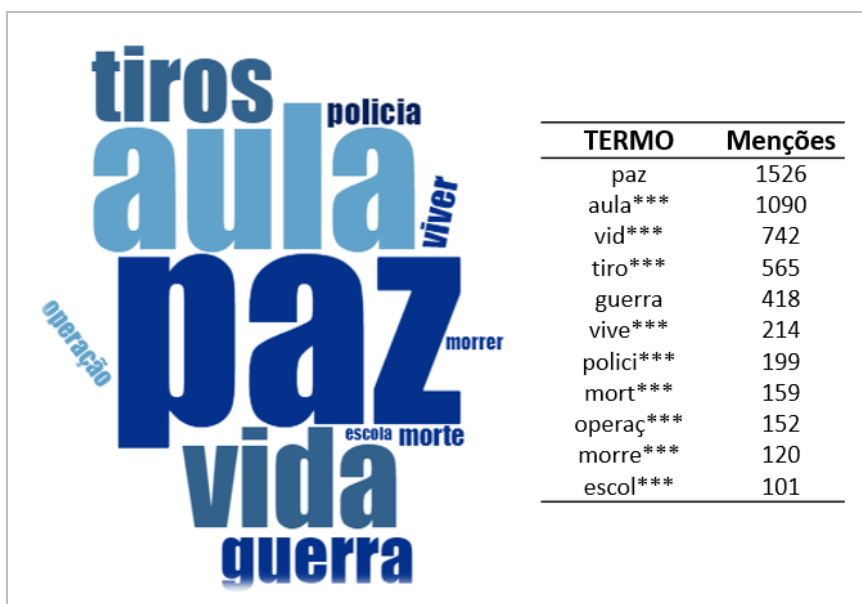


Figura 1 - Nuvens de palavras dos termos com mais de 100 menções. Monitoramento do Twitter durante uma ocupação militar numa favela carioca (agosto, 2017).

Fonte: Elaboração própria.

Na tabela 2, apresentamos aqueles termos que foram mencionados entre 100 e 10 vezes:

TERMO	Menções
bala***	89
deus	86
exército	68
ferid***	66
droga***	64
trist***	55
pm	51
trafic***	49
bandi***	36
upa	24
trab***	21
estado	18
racis***	15
educa***	15
direito***	13
corrup***	12
gover***	10
genocídio	10

Figura 3- Manguinhos/Jacarezinho/Jacaré. Menções dos termos mencionados entre 100 e 10 vezes. Monitoramento do Twitter durante uma ocupação militar numa favela carioca (agosto 2017).

Fonte: elaboração própria.

Os dados correspondentes aos termos, indicam que “Paz”, “Aula”, “Tiro”, “Vida”, “Guerra”, “Viver”, “Polícia” foram as palavras mais relacionadas a Manguinhos/Jacarezinho/Jacaré durante a operação militar; outras como “morte” “bala”, “traficantes”, “bandidos”, “estado”, “direitos”, “educação”, “governo” obtiveram, significativamente, menos menções. Observar por termos e não por categorias, nos habilita a outra aproximação aos dados textuais analisados. Metodologicamente, possibilita repensar a sistematização de categorias, reordenaá-las e “ensaiar” em outros agrupamentos semióticos e temáticos. Além disso, permite identificar as palavras que na linguagem coloquial são mais pertinentes para trabalhar com temas de interesse social e cultural.

A partir dos resultados da análise textual do monitoramento, podemos dizer que esta metodologia nos permitiu explorar e acessar um tipo de dado qualitativamente diferente (potencialmente complementar?) à pesquisa qualitativa participante. Foi relevante para acessar ao aqui e agora da “voz das pessoas” quando o “bicho pega”, sendo constatado a indissociabilidade do mundo *on* e *off line* na contemporaneidade, além das potencialidades das mídias digitais como canais de visibilização das atrocidades e desigualdades perpetuadas pelos que “estão no poder”.

Consideramos necessário avançar nas discussões acerca dos “insumos necessários” e dos “insights” produzidos durante o monitoramento, assim como uma reflexão sobre a qualidade dos dados em termos de natureza (qualitativos-quantitativos), nível socio-simbólico que representam (micro-meso-macro), e tipo de aprofundamento metodológico que habilitam (conhecer-descrever-coomprender).

## 6. Considerações finais: contribuições metodológicas

Mais do que finalizar esse artigo com um receituário, pensamos que nos cabe algumas reflexões a partir do que foi discutido anteriormente, da experiência vivida e do que estamos observando para o próximo tempo.

Nossas preocupações giram em torno de nosso papel de pesquisadores e como pesquisar em uma lógica social excludente a partir da Teoria Crítica, que pressupõe uma ação de transformação da realidade investigada. Isso nos lança a pensar em uma perspectiva mais ampla em termos de abrangência do que estamos entendendo e pensando quanto às relações entre tecnologia – ciência – sociedade.

Uma das vertentes teóricas que pode nos apoiar é aquela em que discute-se a relação da sociedade atual com as tecnologias de última geração a partir de certa tensão teórico-conceitual geral (PERNIOLA, 1998), ou seja, que explicitam as relações reificadas com a tecnologia que as delinham. Alinha-se, portanto, com a tradição filosófica e sociológica da Teoria Crítica (MARX, 1985; HOBBSAWN, 1982; MARCUSE, 1967; HARVEY, 1994). Castells (1999) também contribui com nossas reflexões em torno da questão evidenciada pelo autor de que a tendência histórica, as funções e os processos dominantes dos tempos atuais estão cada vez mais apoiados nas estruturas das redes, sejam informacionais ou não. Em outra linha discursiva, mas não contrária, no encontro das Artes com a Ciência e com as tecnologias, os estudos e produções de Domingues (1997) em que afirma a dimensão humana das tecnologias, defendendo ser fundamental compreender os efeitos delas na vida contemporânea, pois segundo ela vivemos em um mundo que a “técnica hoje é ampliada pelas relações *techné-logos*” (p. 19, grifo do autor), nos possibilitando integrar várias áreas do conhecimento para a criação de artefatos tecnológicos para a melhoria da vida. Neste sentido, concordamos com Domingues (2007) de que

(...) pensar as relações entre a arte e a vida da perspectiva da ciência, do desenvolvimento tecnológico e da criação, com surpreendentes e envolventes aspectos sensíveis a partir da criatividade de artistas e de cientistas no século XXI, é um dos [desafios] mais pulsantes deste início de milênio (p. 11).



Contudo, as teorias mais recentes de Domingues em torno de Softwares Sociais e Ciberativismo (2007), numa revisão de Benjamin, por Cox e Krysa (2005), também trazem na abordagem sociológica da cultura e da presença das redes pela ação de artistas e cientistas direcionadas para a reengenharia da cultura (COX; KRYSA, 2005, 2004), ou seja, que a apropriação e o desenvolvimento de tecnologias estejam direcionados para a transformação social.

Neste sentido, talvez seja um percurso mais profícuo nos colocar na perspectiva benjaminiana em relação ao papel do intelectual orgânico na sociedade, defendendo que nosso papel – enquanto cientistas e intelectuais – é de assumir a função de “autor como produtor [em que] o progresso técnico é um fundamento de seu progresso político” (BENJAMIN, 1994<sup>11</sup>, p. 129). Ou seja, a criação – podemos entender por criação o conteúdo e os usos que fazemos das ferramentas de comunicação – não se limita a criar tecnologia para dar continuidade à sociedade que temos, mas tem a intencionalidade clara de transformá-la.

Finalmente, consideramos que as investigações qualitativas com as RSD possibilitam e devem ser inseridas nos contextos de pesquisa, entendendo que essas também são espaços para viver experiências e, portanto, contribuem para uma ação investigativa de construção discursiva coletiva, e se constituem em um espaço social em que o caráter participativo e a forma como essas são inseridas no cotidiano podem evidenciar informações valiosas. Assim, sendo indissociados os mundos *on* e *off* line na contemporaneidade, é preciso nos aproximar metodologicamente dos corpos e também das “contas” e “perfis”, estourando as bolhas digitais que nos separam, ainda que o primeiro tipo de aproximação seja indispensável para a segunda.

Como no caso analisado, contextos de pesquisas urbanos podem restringir o contato direto com as pessoas com as quais trabalhamos. Tal foi o caso do Manguinhos, onde, por causa das políticas estatais, elas ficaram sitiadas “dentro”, e os pesquisadores “fora”<sup>12</sup>. Neste sentido podemos falar que a tecnologia e as redes sociais foram uma alternativa, um recurso para quebrar as barreiras materiais e simbólicas que dividem as cidades contemporâneas.

Deixamos em aberto a inquietude para continuar pensando caminhos possíveis nos quais a(s) tecnologia(s) sejam, para além de médios, (hiper)mediações (BARBERO, 1997;

---

<sup>11</sup> “O autor como produtor” foi uma conferência realizada por Walter Benjamin no Instituto para o Estudo do Fascismo, em 27 de abril de 1934. Este texto foi incluído na coletânea Walter Benjamin: obras escolhidas – Magia, Técnica, Arte e Política, vol 1, organizada pela Editora Brasiliense e publicada em 1994.

<sup>12</sup> As vírgulas são para marcar a relatividade das categorias de “adentro e afora. Já que na prática as fronteiras são sempre porosas.

SCOLARI, 2015), formas atuais de expressão e ação na cotidianidade das pessoas, na cotidianidade da pesquisa.

### Referências

- AMARAL, A. Indissociabilidade entre os mundos on e off-line. Entrevista concedida por Santos, João, V. *Revista do Instituto Humanitas UNISINOS*, n. 502, abr. 2014. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/6813-indissociabilidade-entre-os-mundos-on-e-off-line>>. Acesso: 18 abril 2017.
- ANTUNES, M. et al. Monitoramento de informação em mídias sociais: o e-Monitor Dengue. *TransInformação*, v. 26 n.1, p. 9-18, 2014.
- BARBERO, J. M. *Dos meios às mediações*. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997, p. 45–89.
- BARBOSA, J. L.; DIAS, C. G. *Solos Culturais*. Observatório das Favelas. 2013, 197 p.
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. (Obras Escolhidas; v.1). 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CANALTECH, Brasil é o país que mais usa redes sociais na América Latina. Canaltech. 20 junho 2016. Disponível: <<https://canaltech.com.br/redes-sociais/brasil-e-o-pais-que-mais-usa-redes-sociais-na-america-latina-70313/>> Acesso: 26 maio 2018.
- \_\_\_\_\_, O que é um API? Portal. Sem data. Canaltech. Disponível: <<https://canaltech.com.br/software/o-que-e-api/>> Acesso: 26 maio 2018.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL (2017). *Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC domicílios 2016*. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR [editor] São Paulo, Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2017. Disponível: <[http://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC\\_DOM\\_2016\\_LivroEletronico.pdf](http://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_DOM_2016_LivroEletronico.pdf)> . Acesso: 5 abril 2018.
- COMSCORE. *Perspectivas do cenário digital Brasil 2017*. Slideshare.net, 2017. Disponível: <<https://es.slideshare.net/beiocardoso/perspectivas-do-cenrio-digital-brasil-2017>>. Acesso: 05 maio 2017.
- COX, G., KRYSA, J. (eds). On “The Author As (Digital) Producer”. In: *Engineering Culture. Autonomedia*. DATAbrowser 02. Plymouth, p. 7-20, 2005.
- \_\_\_\_\_. Art as Engineering: Techno-art Collectives and Social Change. In: KLUSZCZYŃSKI, R. W. (ed). *Cybearts, Cybercultures, Cybersocieties*. Art Inquires. v.5 Lodzkie Towarzystwo Naukowe, Lodz, Poland, 2004.

DOMINGUES, D. Software social: o autor como produtor de ciberativismo cultural. In: *Anais XVI COMPÓS*, Curitiba, 2007. Disponível em:

<[http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_169.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_169.pdf)>. Acesso: 19 março 2018.

\_\_\_\_\_. (org.) *A arte no século XXI: a humanização das tecnologias*. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

ESCOLA DE JORNALISMO ÉNOIS & NEXO JORNAL Conexão Quebrada, Especial. Nexo Jornal. 20 novembro 2017. Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/especial/2017/11/29/Conex%C3%A3o-Quebrada>> Acesso: 15 abril 2018.

GUBER, R. *Prácticas etnográficas*. Ejercicios de reflexividad de antropólogas de campo. Buenos Aires: IDES-Miño y Dávila, 2014.

HARVEY, D. *A Condição Pós-moderna: uma pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural*. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 1994.

HOBSBAWN, E. *A Era do capital: 1848-1875*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

INGOLD, T. *Ambientes para la vida. Conversaciones sobre humanidad, conocimiento y antropología*. Montevideo: Trilce. 2012.

JENKINS, H. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2008.

Laboratório sobre Imagem e Cibercultura da Universidade Federal de Espírito Santo (LABIC – UFES). Disponível em: <http://www.labic.net/>. Acesso: 15 agosto 2018.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

\_\_\_\_\_. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes antropológicos*. Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 129-156, 2009.

MALINOWSKI, B. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos de Nova Guiné melanésia*. Trad. Anton P. Carr e Ligia A. Cardieri Mendonça. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultura, 1978.

MARCUSE, H. *Ideologia da Sociedade Industrial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MARX, K. *Maquinaria e Grande Indústria*. In: *O Capital: crítica da economia política*. v. 1, Livro Primeiro, Tomo 2, Capítulo XIII. 2ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MELLO, J. L. D. *Novas mídias em alerta prévio de desastres: avaliação de mídias para mobilizar e disseminar conhecimento em situações prévias a desastres*. 2012. 101 p. Dissertação (Mestrado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) - Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

MISKOLCI, R. Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. *Revista Cronos*, v. 12 n. 2, p. 09-22, jun. 2011.

MUZAKI, P., REIA, J. & VARON, J. *Mapeamento da mídia digital no Brasil*. Rio de Janeiro: Open Society Foundations. Escola de Direito do Rio de Janeiro da Fundação Getúlio Vargas, Centro de Tecnologia e Sociedade. 2014. 340 p.

Netlytic.org The Social Media Lab at Ryerson University, Canadá. Disponível em:  
<https://netlytic.org> . Acesso: de abril 2017 a outubro 2018.

NETO, A. P., BARBOSA, L., MUCI, S. Internet, geração Y e saúde: um estudo nas comunidades de Manguinhos (RJ). *Comunicação & Informação*, v. 19 n. 1, p. 20-36, 2016.

O'REILLY, T. What Is Web 2.0: Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software. *International Journal of Digital Economics*, n. 65, p. 17-37, maio, 2007.

PARISER, E. *O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PERNIOLA, M. *A Estética do século XX*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

QUEIROZ FILHO, A. P. As definições de assentamentos precários e favelas e suas implicações nos dados populacionais: abordagem da análise de conteúdo. *Revista Brasileira de Gestão Urbana*, Curitiba, v. 7, n. 3, p. 340-353, Dec. 2015.

REIS, C.; MATTEDI, M.; BARRIOS, Y. R. Mídia e desastres: panorama da produção científica internacional de 1996 a 2016. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. 40 n,2, p. 77-92, 2017.

ROGERS, R. *The end of the virtual: Digital methods*. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2009.

\_\_\_\_\_. Debanalizing Twitter: The transformation of an object of study. In: PROCEEDINGS OF THE 5TH ANNUAL ACM WEB SCIENCE CONFERENCE. ACM. pp. 356-365, 2013.

SCOLARI, C. A. Mapping conversations about new media: the theoretical field of digital communication. *New media & Society*. Los Angeles, London, New Delhi, Singapore and Washington DC, v. 11, n.6, p. 943-964, 2015.

\_\_\_\_\_. Alfabetismo transmedia. Estrategias de aprendizaje informal y competencias mediáticas en la nueva ecología de la comunicación. *Revista Telos: Cuadernos de comunicación e innovación*, n. 103, p. 12-23, 2016.

SILVA, J. de S. As Unidades Policiais Pacificadoras e os novos desafios para as favelas cariocas. In: MELLO, M. A. d. et al. *Favelas Cariocas: ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 415-432.

suprimido para não identificar autor, 2015.